

NOVAS NARRATIVAS NA COMUNIDADE LGBTQIA+ INDIANA: UMA ENTREVISTA COM O DIRETOR SUKHDEEP SINGH

REGIANE CORRÊA DE OLIVEIRA RAMOS⁹⁶

JAIRO ADRIÁN-HERNÁNDEZ⁹⁷

TRADUÇÃO DE DAVI SILISTINO DE SOUZA⁹⁸

Regiane Ramos (RR): Tomei conhecimento do documentário de Sukhdeep Singh no Facebook, em 24 de fevereiro de 2020, quando Sukhdeep postou um cartaz de divulgação da futura estreia. Imediatamente, escrevi-lhe pedindo a data de lançamento e perguntando sobre a transgeneridade no sikhismo (pois tenho interesse pelo tópico). Singh prontamente respondeu e começamos a trocar mensagens. Em 3 de dezembro de 2020, enviou um e-mail convidando-me para assistir ao lançamento online do *Sab Rab De Bande* (Somos todes criações de Deus), no dia 5 de dezembro de 2020. Depois de assistir ao documentário, convidei-o para uma entrevista. Conversamos no dia 5 de fevereiro de 2021, via Google Meet, pois eu estava no Brasil e Sukhdeep na Índia.

Jairo Adrián-Hernández (JAH): A professora Regiane Corrêa de Oliveira Ramos e eu temos conjuntamente pesquisado sobre as transgeneridades na Índia por algum tempo. Após ter assistido ao documentário, a pesquisa-

⁹⁶ Professora adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

⁹⁷ Mestre em Estudos Literários pela Universidad de Granada (UGR).

⁹⁸ Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE). São José do Rio Preto – SP – Brasil..

dora gentilmente me convidou para participar da tradução do roteiro para o espanhol, pois ela havia feito a tradução para o português. Então entramos em contato com Singh para discutir esse documentário inédito sobre *queer* sikhs e seu ativismo como membro da comunidade LGBTQIA+. Minhas perguntas aqui são, portanto, uma recriação dessa conversa, a qual, caso haja interesse, está disponível na íntegra no canal do YouTube da Brasil-Índia Associação de Redes de Conhecimento (BrIndARC), tendo sido postada no dia 28 de junho de 2021. Devido à limitação de espaço, algumas perguntas foram encurtadas ou omitidas.

Boa tarde, Sukhdeep. Em primeiro lugar, muito obrigada por aceitar nosso convite para falar sobre o documentário *Sab Rab De Bande* (Somos todes criações de Deus) e os desafios que os sikhs LGBTQIA+ enfrentam.

RR: Quem é Sukhdeep Singh? Por favor, conte-nos um pouco sobre você.

Sukhdeep Singh (SS): Sou um gay sikh de trinta e poucos anos, envolvido em várias coisas. Cresci em Calcutá em uma família sikh e me formei em Engenharia no IIT Dhanbad. Enquanto estava na faculdade, me assumi gay e fundei a *Gaylaxy Magazine*, uma revista eletrônica LGBTQIA+. Depois de me formar, comecei a trabalhar como engenheiro de software. Paralelamente, sou editor dessa revista. *Gaylaxy* é mais um projeto de paixão e completou 10 anos. Atualmente moro em Nova Delhi, onde trabalho como Engenheiro de Software Sênior. Recentemente, também terminei meu primeiro documentário sobre *queer* sikhs, chamado *Sab Rab De Bande* (Somos todes criações de Deus).

RR: Você poderia falar um pouco sobre a cultura Punjabi? Qual o significado dela para os *queer* sikhs?

SS: A cultura do Punjab é extremamente masculina e patriarcal. Existe uma imagem de um homem punjabi bastante viril e a sociedade deve se sujeitar a isso. Espera-se que as mulheres sigam os papéis patriarcais e que todos se conformem aos papéis de gênero. Isso pode ser muito sufocante para pessoas *queer*, especialmente para *queer* sikhs, os quais são insultados por suas características. Se você é menino, muitas vezes dizem que está agindo como uma menina e pedem que aja como um homem. Da mesma forma,

as meninas devem estar dentro dos limites estabelecidos e têm o fardo de salvar a honra da família, todas noções muito patriarcais.

RR: Qual foi sua primeira experiência de discriminação? Você já sofreu bullying na escola?

SS: Esta é uma pergunta difícil de responder. Discriminação por causa de qual identidade? Carrego múltiplas identidades, e em cada uma delas sou uma minoria. Então você quer dizer discriminado por causa da minha religião, ou minha orientação sexual? Quando criança, crescendo em Bengala Ocidental, era muitas vezes ridicularizado por outras crianças por causa da minha identidade religiosa, especialmente quando lavava os cabelos e os deixava soltos. Questionavam meu gênero, pois tinha cabelos longos, e meninos deveriam ter cabelos curtos. Alguns também consideravam o *kara* (bracelete) como uma pulseira.

Eu era muito bom nos estudos, o melhor aluno da minha turma, e nunca sofri nenhum tipo de bullying na escola. Suponho que passo por cisgênero, então minha sexualidade não era tão óbvia. Na faculdade foi um pouco diferente. Havia muitos estereótipos. Estudei em uma faculdade federal, onde discentes de toda a Índia ingressaram após prestarem o exame nacional, muitos de pequenos vilarejos e partes remotas da Índia. Para eles, o fato de eu ser uma pessoa sikh de Bengala era algo engraçado. Eram tão desinformados que achavam que o povo sikh vive só em Punjab. O fato de eu não me encaixar na imagem de um homem sikh viril (eu era muito magro) aumentava a confusão, muitas vezes me tornando alvo de piadas. Todavia, acho que minha faculdade em geral era um lugar muito ruim. Então, quando me assumi publicamente, era a única pessoa assumida gay na faculdade, enfrentei uma enxurrada de questionamentos. Houve algumas sugestões ultrajantes sobre como mudar minha sexualidade e depois surgiram muitos rumores sobre mim também. Houve um incidente específico que aconteceu comigo, depois de sair da faculdade. Estava morando com meus amigos em um apartamento compartilhado em Gurgaon e dividindo um quarto com um dos meus colegas da faculdade. Depois de mais ou menos um mês, ele quis o quarto só para ele, minha orientação sexual se tornou um problema e disse que não dividiria mais o quarto comigo. Essa situação foi muito dolorosa para mim.

RR: Como foi sua entrada na comunidade *queer*?

SS: Quando entrei na comunidade *queer*, estava entusiasmado, pensando que seria finalmente aceito por completo. No entanto, isso estava longe de ser o caso. Logo descobri que minha identidade sikh não era aceita por muitos e que seria rejeitado quando soubessem que era um sikh de turbante. E estou falando da era pré-smartphone, ou quando os smartphones ainda eram uma novidade. Aplicativos como o Grindr ainda nem existiam.

RR: Como você lida com todas as suas identidades?

SS: Nunca tive problemas com minhas múltiplas identidades. São todas partes de mim e acho maravilhoso carregar tantas identidades diferentes dentro de mim. Na verdade, outras pessoas parecem estar confusas ou com problemas em aceitar que uma pessoa pode ter tantas identidades diferentes ao mesmo tempo. As pessoas gostam de rotular os outros com identidades definidas. Como não podem fazer isso comigo, têm um problema.

JAH: Você ainda enfrenta racismo e estereótipos dentro da comunidade gay?

SS: A comunidade gay é, em sua essência, extremamente racista. As pessoas muitas vezes te discriminam por causa de sua casta; não vão namorar você se não for de uma casta específica. Então, sim, eu enfrento racismo e estereótipos dentro da comunidade gay. Muitas vezes as pessoas têm escrito em seus perfis, “não queremos sikhs” ou “não queremos *sardars*”. Às vezes, alguns querem dar sermão, pedindo para não utilizar aplicativos de namoro ou pelo menos para não colocar fotos, já que os sikhs não podem ser gays, e isso traria má fama. Por outro lado, algumas pessoas usam sikh gays no Grindr para satisfazer suas fantasias. Eu mesmo já fui fetichizado.

RR: É impossível não fazer essa pergunta. Qual a influência da casta na comunidade *queer*?

SS: Como na maioria das comunidades na Índia, a comunidade *queer* também é afetada pelo sistema de castas. Existem muitas atitudes relacionadas às castas dentro da comunidade *queer*, as quais não são discutidas,

reconhecidas ou comentadas. Algumas pessoas como Akhil Kang e Dhruvo Jyoti têm tentado abordá-las e destacar os problemas.

RR: Como foi a recepção de *Sab Rab De Bande* (Somos todes criações de Deus)?

SS: A recepção de *Sab Rab De Bande* tem sido extremamente boa desde o início, quando a notícia sobre o projeto foi divulgada. Nossa campanha de *crowdfunding* atingiu o objetivo em menos de duas semanas. Há muita emoção e expectativa para o documentário. E as críticas iniciais da imprensa também foram positivas. *Sab Rab De Bande* também está sendo selecionado em muitos festivais de cinema.

RR: Como foi para você produzir esse documentário? O que foi mais difícil?

SS: O tema era extremamente significativo para mim e queria fazer esse documentário há muito tempo. Porém, também foi muito desafiador. Este é o meu primeiro documentário e não tinha experiência de contar as histórias de pessoas diferentes em menos de 30 minutos. Além disso, não tinha nenhum patrocinador ou algo do tipo, foi tudo autofinanciado no começo.

O maior desafio para mim foi encontrar pessoas *queer sikh* que estivessem dispostas a aparecer diante das câmeras e compartilhar suas experiências. Quem primeiro se juntou ao projeto foi Amolak, que me contactou após ver uma postagem minha no Facebook. Tivemos uma longa conversa e elx disse que esse é um tema importante e que deveríamos levar nossas histórias ao público. Entretanto, depois disso, foi uma longa busca. Algumas pessoas que tinham de fato se assumido para a família ou para os círculos próximos concordaram inicialmente, mas depois desistiram de participar. Busquei pessoas nas mídias sociais e entrava em contato com elas se achasse que tinham uma história para contar. Eu até garantia que manteríamos suas identidades ocultas, mas, mesmo assim, as pessoas tinham medo. Ao longo de dois ou três anos, finalmente conheci pessoas que concordaram fazer parte do documentário. Mesmo quando concordavam, muitas não se sentiam à vontade para filmar em sua casa ou no local de trabalho porque, mesmo assumidos(as), esse não era um assunto com o qual a família se sentisse confortável em lidar. Além disso, o tempo era outro problema, porque eu estava trabalhando em tempo integral e o cinegrafista e os integrantes do documentário também.

Então, encontrar um dia e hora em que todos estivessem disponíveis era uma tarefa enorme por si só. E mesmo quando conseguíamos um tempo livre, tínhamos apenas de duas a três horas com eles, tendo de filmar tudo dentro desse prazo e gravar todas as *filler shots* necessárias. Além disso, como era autofinanciado, estava procurando pessoas em ou nos arredores de Nova Delhi para reduzir ao mínimo os custos do projeto.

RR: Você ficou satisfeito com o resultado do documentário? Era isso que tinha em mente?

SS: Não tenho certeza se posso dizer que estou satisfeito, mas estou feliz sim com o resultado final. Essa é a história que queria contar ao mundo. Ademais, com todas as nossas restrições, tanto financeira quanto outras, fiz o melhor que pude e estou feliz com o resultado. Há muitas maneiras de ser *queer sikh* e queria retratar isso. Consegui representá-las por meio das cinco histórias.

RR: Por que Ekampreet e Puneet não mostram seus rostos no documentário? Estavam com medo de retaliação?

SS: Tanto Ekampreet quanto Puneet tinham receio de mostrar seus rostos e eu tive de lhes prometer que suas identidades não seriam reveladas. Ekampreet não tinha se assumido gay para a família ou para qualquer outra pessoa (exceto para alguns amigos íntimos). No caso da Puneet, ela estava muito ansiosa sobre como as pessoas poderiam se comportar se soubessem sobre a identidade lésbica. Não é fácil ser mulher na sociedade indiana e ser mulher lésbica significa se expor ao dobro da opressão e marginalização. Ela estava muito preocupada com o julgamento das pessoas e como isso poderia afetar sua vida e seus relacionamentos. Na verdade, quando o documentário estava pronto e estávamos prestes a participar de festivais de cinema, Puneet teve uma espécie de crise de pânico e me ligou, pedindo para deletar sua filmagem do documentário. Tive que acalmá-la e, em seguida, desfocar ainda mais seu rosto nas cenas nas quais ela parecia estar preocupada. Esta é a primeira vez em que os *queer sikhs* na Índia discutem abertamente vários aspectos da vida e da religião. Não é fácil se expor assim. Além disso, ninguém entre nós sabia como seria a reação da comunidade sikh.

RR: Os cinco depoimentos no documentário trazem argumentos a favor de suas duas identidades, religiosa e sexual. Você conhece alguém que desistiu do sikhismo por causa da sexualidade?

SS: Pessoalmente, não encontrei uma pessoa *queer* sikh que desistiu da identidade religiosa ou da religião por causa da sexualidade. Conheci alguns homens sikh gays, alguns deles *Amrithdaris* (Amritdhari Sikhs são indivíduos que passaram pela cerimônia de iniciação Amrit Sanskar), que não viam suas identidades religiosas e *queer* em conflito, por causa da mensagem mais abrangente de aceitação e igualdade da religião sikh.

RR: Como o *queer* sikh lida com os líderes religiosos?

SS: Acho que a solução para mudar atitudes é por meio do diálogo e da discussão. Ao contrário de outras religiões, não houve um debate ou discussão sobre o tema da homossexualidade dentro da comunidade sikh. Os líderes religiosos sempre assumiram uma postura reacionária, sem tentar entender a homossexualidade ou quais são as histórias de pessoas *queer*. Por exemplo, o Akal Takht sempre que falava sobre o assunto era em reação a certos eventos, como a legislação sobre casamentos entre pessoas do mesmo sexo no Canadá e a decisão do artigo 377 na Índia .

É importante para a comunidade *queer* se engajar com esses líderes e contar nossas histórias e educá-los sobre gênero e sexualidade também. Quanto mais os *queer* sikhs se assumirem, mais seremos vistos como parte da comunidade sikh. Espero que *Sab Rab De Bande* ajude a trazer essas experiências vividas à tona e a iniciar uma conversa.

RR: Você acha que o discurso colonial/ LGBTQIA+fóbico do *granthi* (sacerdote) no documentário mudará no futuro à medida que a sociedade e a nova geração estão modificando lentamente suas mentalidades?

SS: Sim, acho que sim. É desanimador ouvir o *granthi* no documentário, pois muito do que é falado é pura ignorância e desconhecimento sobre o assunto. Ele equipara a homossexualidade com comportamento depravado e chama isso de antinatural, argumentos sem nenhuma evidência científica. Grande parte dessa atitude em torno do tema da homossexualidade deve-se a uma mentalidade colonial e, portanto, vê o tema através das mesmas len-

tes. Todavia, não há problemas em aceitar pessoas trans, porque em geral há algum tipo de aceitação de pessoas trans na sociedade.

Sua interpretação de algumas das coisas ou versos do *Granth Sahib* é afetada por sua própria homofobia, decorrente, por sua vez, da ignorância e do colonialismo. Com a geração mais jovem sendo mais aberta e liberal, acredito que haverá uma mudança no futuro.

JAH: Se o confronto do Ocidente com as dissidências sexuais provém principalmente de uma longa tradição de perversão cristã, deduzo que dentro da literatura sikh há uma série de seções que parecem aumentar as esperanças dos sikhs, isto é, o casamento, por exemplo, é entendido como uma união de duas almas sem gênero, como mencionado no documentário. No entanto, as dissidências sexuais e de gênero ainda são um tabu e um tópico muito controverso dentro da comunidade sikh. Eu me pergunto: se o sikhismo se originou em um país que, antes da invasão europeia, era relativamente tolerante com outras formas de ser e amar, e suas escrituras também refletem essa diversidade, o que aconteceu na evolução natural do sikhismo?

SS: Todas as religiões na Índia foram tocadas pela moralidade vitoriana e por isso somos muito influenciados por esses pensamentos coloniais. A partir daí começamos a interpretar nossa religião através de uma mentalidade muito colonial, principalmente em relação à homossexualidade. Onde quer que os britânicos fossem, encontra-se uma lei semelhante à Seção 377 que criminaliza a homossexualidade. É por isso que mesmo em religiões antigas como o hinduísmo, na qual a sexualidade e o gênero eram muito fluidos, não há uma aceitação. Quando se trata do sikhismo, não há regras tão rígidas como acontece com o cristianismo, por exemplo. Nossa ênfase está na espiritualidade e, portanto, a inclusão vem naturalmente para os sikhs, mas não somos imunes ao colonialismo.

RR: Por favor, faça um comentário sobre a seguinte afirmação de Puneet no documentário: “sua religião concerne você e seu Deus” (00:26:44-00:26:48).

SS: Puneet faz uma afirmação muito válida. Frequentemente ficamos muito envergonhados em expor nossa religião ou presos a tantas regras estabelecidas por indivíduos religiosos sobre como alguém pode chegar a Deus. Acho que a fé é basicamente um relacionamento pessoal entre você e Deus.

Ninguém tem o direito de interferir e dizer qual ou como deve ser esse relacionamento.

JAH: Percebi um fenômeno fascinante aqui nas Canárias: os católicos LGBTQIA+ se reapropriaram do discurso e estão ocupando certos espaços e esferas antes negligenciados. Até as drag queens apresentam-se vestidas como a Virgem Maria ou Jesus Cristo e os jovens católicos também estão criando novos grupos de apoio inclusivos para a comunidade. Você conhece alguma situação semelhante entre os sikhs?

SS: Fora da Índia, em alguns países como Reino Unido, Canadá ou Estados Unidos com uma diáspora sikh maior, sei que existem grupos de apoio trazendo à tona essas discussões sobre religião e sexualidade. Também estão ajudando seus membros a aceitar ambas as identidades. Estamos em um momento muito importante, em que ou caminhamos para uma interpretação mais receptiva e inclusiva sobre religião e sexualidade ou temos uma interpretação muito rígida.

JAH: Estive fazendo algumas pesquisas e encontrei o canal Logo no YouTube entrevistando pessoas *queer* sikhs e, embora sejam americanos, estavam narrando que, em junho (mês do Orgulho LGBTQIA+), ficam em luto pelas primeiras semanas, em memória daqueles que foram mortos na “Operação Bluestar”, também mencionada no início do documentário. Isso certamente cria novos corpos pertencentes à cultura *queer* sikh. Você conhece outras peculiaridades endêmicas do sikhismo *queer*?

SS: Jovens de vinte e poucos anos no Instagram, ou mesmo Amolak Singh no documentário, estão ousando com sua aparência e alguns até fazem drag. Carregam ambas as identidades. Amolak, por exemplo, é muito rigoroso em ir aos *gurdwaras* usando maquiagem e de um jeito andrógino. Não deixamos que outros definam nossas identidades.

RR: Quais são os desafios para a política e a legislação do governo atual com relação às questões LGBTQIA+ na Índia?

SS: Acho que o maior desafio agora é termos um governo conservador contrário a minorias e aos direitos humanos. Não deram muito apoio quando

o caso da Seção 377 surgiu na Suprema Corte. Mesmo quando aprovaram a Lei dos Direitos Trans, descartaram todas as sugestões e preocupações da comunidade trans*, criando uma lei veementemente contestada pela comunidade trans*. Acho que não vai ser fácil.

RR: Qual é a situação do Projeto de Lei Pessoas Transgênero (Proteção de Direitos), 2019, agora?

SS: O Projeto de Lei foi aprovado pelo parlamento em novembro de 2019 e se tornou uma lei. Primeiro, foi aprovado na câmara baixa em agosto, quando o parlamento estava discutindo também o tão polêmico Artigo 370 (artigo da Constituição indiana que deu algum status especial ao estado de Jammu e Caxemira). Depois, apesar da objeção de muitos, foi aprovado pela câmara alta em novembro de 2019. A comunidade trans* se opôs ao projeto por causa das incoerências e fez sugestões para enviá-lo a um Comitê Permanente. As considerações/reivindicações da comunidade foram ignoradas e o governo seguiu em frente com sua própria versão.

RR: O debate de gênero/sexualidade nas escolas/faculdades/universidades pode ajudar a criar uma sociedade mais inclusiva?

SS: Sem dúvida! A educação de gênero/sexualidade nas escolas e universidades é a necessidade do momento, especialmente em um país como a Índia. Isso ajudará a quebrar muitos mitos e tabus em torno do tema e dissipar a falta de informação/conhecimento que frequentemente leva à homofobia. Isso ajudará os jovens a entender seus próprios sentimentos e educá-los sobre a diversidade sexual, não havendo nada de errado em não ser heterossexual.

RR: Como a pandemia está afetando a comunidade *queer* na Índia?

SS: A pandemia afetou profundamente a comunidade *queer*, porque a Índia teve a quarentena mais rigorosa e longa. Quem sofreu mais foi a comunidade trans* porque muitas pessoas dependem da mendicância e do trabalho sexual para sobreviver. Sendo assim, ficaram sem sustento. As pessoas trans* não têm reservas econômicas para recorrer. Muitas delas também estão fazendo tratamento com hormônios. Algumas são HIV positivos e precisam de medicamentos antirretrovirais. É uma situação terrível, e, em

alguns estados, os governantes finalmente intervieram e pediram ao governo que fornecesse um auxílio ou algum recurso aos membros da comunidade. Muitas ativistas trans também começaram campanhas de *crowdfunding* para arrecadar dinheiro para distribuir suprimentos essenciais e provisão aos membros da comunidade.

Além disso, muitas pessoas *queer* tiveram de voltar para a casa e depois ficaram presas com suas famílias. Muitas delas são abusivas em relação às crianças *queer*. O retorno às casas não apenas aumentou os maus-tratos, como também os problemas de saúde mental. Mesmo as pessoas que já moravam com a família, não podiam se encontrar com amigos ou frequentar espaços comunitários. Perderam o sistema de apoio e isso também afetou negativamente a todos.